

universitários da área da saúde e fatores associados em tempos de pandemia COVID-19.

Método: Foram avaliados 140 estudantes do curso de biomedicina de uma universidade do interior paulista. Para tanto, os participantes responderam a um instrumento com questões estruturadas, organizados em: caracterização da população de estudo; uso de tabaco e álcool (ASSIST) e avaliação da saúde mental (DASS-21). A associação das variáveis do estudo foi realizada através dos testes do qui-quadrado, Fisher ou qui-quadrado de continuidade. Para avaliar os fatores associados às alterações da saúde mental foi utilizada a razão de chances (odds ratio/OR). Foi considerando significativo $p < 0,05$. Este trabalho foi aprovado pelo CEP (13359019.3.0000.5515).

Resultados: Dentre os estudantes universitários avaliados, 44,85% apresentaram sinais de depressão, enquanto 55,22% de ansiedade e 71,54% de estresse. A associação entre as características da população e avaliação do DASS-21 demonstrou que o sexo feminino tinha uma chance 0,40 vezes ($p = 0,0387$) maior de apresentar sintomas de estresse; idade entre 18 e 20 anos uma chance 2,645 vezes ($p = 0,0462$) maior em relação à 21 a 24 ano e uma chance 5,429 vezes ($p = 0,0035$) maior em relação à maiores de 24 anos de apresentar sintomas de estresse; estar solteiro uma chance 4,966 vezes ($p = 0,0111$) maior de apresentar sintomas de ansiedade; usar tabaco uma chance 2,270 vezes ($p = 0,0318$) maior de apresentar sintomas de depressão e, uma chance 2,740 vezes ($p = 0,0151$) maior de ansiedade; usar álcool uma chance 3,504 vezes ($p = 0,0265$) maior de apresentar sintomas de depressão, uma chance 4,013 vezes ($p = 0,0088$) maior de ansiedade e, uma chance 5,005 vezes ($p = 0,0012$) maior de estresse.

Conclusão: Estudantes universitários apresentam uma elevada prevalência de alterações da saúde mental, associadas principalmente à pouca idade e ao uso de tabaco e álcool.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102491>

EP-054

INIQUIDADES NA VACINAÇÃO E TAXA DE MORTALIDADE EM POPULAÇÕES INDÍGENAS COMPARADAS COM A POPULAÇÃO GERAL NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE SÉRIE TEMPORAL

Fernanda Gomes Machado,
Mariana Maleronka Ferron,
Maria Tereza da Matta Barddal,
Laura Alves Nascimento, Juliana Rosalen,
Vivian Iida Avelino-Silva

Albert Einstein, Brasil

Introdução: Desde a implementação da vacinação contra COVID-19 no Brasil, os povos indígenas foram considerados grupo prioritário; entretanto, essas populações enfrentam diversas iniquidades no acesso à saúde, resultando em maior risco de desfechos negativos no contexto da pandemia em detrimento da priorização na vacinação.

Objetivo: Descrever a evolução vacinal, incidência e mortalidade acumuladas de COVID-19 na população indígena

brasileira entre 2020/2021. Contrastar a cobertura vacinal de COVID-19 entre indígenas e idosos no país e as taxas de mortalidade por COVID-19 entre indígenas e a população geral brasileira.

Método: Neste estudo de série temporal, analisamos a cobertura vacinal, taxa de mortalidade e incidência acumulada de COVID-19 em populações indígenas ≥ 18 anos, de março/2020 à dezembro/2021. Comparamos a cobertura vacinal na população indígena com aquela observada entre idosos e as taxas de mortalidade indígena por COVID-19 com aquela observada na população geral. Os dados foram obtidos de informes epidemiológicos públicos do Ministério da Saúde.

Resultados: Observamos cobertura vacinal geral na população indígena de 90% (dose 1) e 85% (dose 2) em dezembro/2021, porém com grande heterogeneidade no progresso das coberturas vacinais nos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Comparações entre taxas de mortalidade e incidência acumulada da COVID-19 entre 2020/2021 mostram impacto positivo da vacinação. Em junho/2021, a incidência de casos foi mais alta que no ano anterior, e apesar disso a taxa de mortalidade não aumentou. Ao longo dos demais meses de 2021, tanto a incidência quanto a taxa de mortalidade foram menores do que o observado em 2020. Em comparação com idosos, observamos que as populações indígenas alcançaram menor cobertura do que a maioria das categorias etárias, com exceção dos ≥ 90 anos. Também observamos que em março/2021, a taxa de mortalidade acumulada foi similar entre as populações indígenas e a população geral. No entanto, nos meses subsequentes, a taxa de mortalidade foi maior entre populações indígenas, em todas as macrorregiões.

Conclusão: Embora possivelmente amenizada pela priorização na vacinação, a mortalidade por COVID-19 na população indígena ainda foi maior do que aquela observada na população geral. O impacto negativo da pandemia poderia ter sido mitigado com políticas específicas de atenção à saúde, que considerassem as particularidades socioculturais dos povos indígenas, a fim de preservar sua saúde e existência.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102492>

EP-055

INFECÇÕES FÚNGICAS INVASIVAS EM PACIENTES COM COVID-19 EM UM HOSPITAL PÚBLICO NO NORDESTE DO BRASIL, 2020-2021

Mohamed Saido Balde,
Lisandra Serra Damasceno

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Introdução: Infecções fúngicas invasivas (IFI) têm sido observadas em indivíduos com quadros graves de covid-19. Em geral, estes pacientes necessitam de internamento hospitalar prolongado e suporte de terapia intensiva, bem como o uso de diversos dispositivos invasivos. Tais fatores contribuem para o desenvolvimento de IFI em pacientes com Covid-19.

Objetivo: Relatar os casos diagnosticados de IFI durante o internamento de pacientes com diagnóstico de Covid-19 no Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ), localizado em Fortaleza/CE, no Nordeste do Brasil.

Método: Estudo tipo relato de casos em pacientes com Covid-19 que apresentaram IFI durante o internamento, entre março/2020 e dezembro/2021. Os casos de IFI foram identificados através dos registros do laboratório de microbiologia do HSJ, e os dados clínico-epidemiológicos foram coletados através da revisão de prontuários.

Resultados: No período do estudo foram identificados 22 casos de IFI, sendo oito casos de histoplasmosse disseminada (HD), sete de candidemia, quatro de aspergilose pulmonar invasiva (CAPA), um de neurocriptococose, e dois casos de pneumonia fúngica associada à ventilação mecânica (PAVM) por *Saprochaete* spp. e *Fusarium solani*. Dos casos de HD todos eram do sexo masculino, com uma média de idade de 35,1 anos. Infecção pelo HIV foi evidenciada em 100% dos casos. O tempo médio para o diagnóstico de HD foi de 3,8 dias. Óbito ocorreu em 37,5% dos pacientes com HD. Em relação aos casos de candidemia e CAPA, a maioria era do sexo masculino, e a média de idade foi de 68,7 e 69,7 anos, respectivamente. O tempo médio para o diagnóstico de candidemia foi de 6,6 dias e para CAPA de 7,2 dias. Óbito ocorreu em 71,4% e 50% dos pacientes, respectivamente. O caso de neurocriptococose ocorreu em paciente HIV positivo, de 47 anos, que foi diagnosticado com IFI nas primeiras 24 horas de internamento. Após seis dias da admissão hospitalar paciente foi a óbito. Os dois casos de PAVM foram diagnosticados em indivíduos do sexo masculino, com idade de 74 anos (*Saprochaete* spp.) e feminino, com 84 anos (*Fusarium solani*). O tempo médio para o diagnóstico de PAVM foi de 39 dias para infecção por *Saprochaete* spp. e 8 dias para fusariose. Ambos os pacientes foram a óbito.

Conclusão: IFI em pacientes com covid-19 foram mais frequentes em idosos e imunossuprimidos, havendo uma alta frequência de óbitos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102493>

EP-056

CASO FATAL DE MENINGOENCEFALITE POR SARS-COV-2 EM PACIENTE COINFECTADO COM INFLUENZA A

Luís Arthur Brasil Gadelha Farias,
Francisco José Cândido da Silva,
Karene Ferreira Cavalcante,
Jovino Antônio Ribeiro de Oliveira,
Kelma Maria Maia, Lisandra Serra Damasceno

Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ),
Fortaleza, CE, Brasil

Introdução: Manifestações neurológicas causadas por SARS-CoV-2 foram relatadas em uma variedade de síndromes e sintomas, como meningoencefalite, mielite e encefalomielite aguda (ADEM) durante a pandemia de covid-19. No início

de 2022, o Brasil experimentou um surto de Influenza simultaneamente à terceira onda de covid-19.

Objetivo: Relatar um caso de meningoencefalite causada por SARS-CoV-2 associado a infecção respiratória por Influenza A em um hospital terciário em doenças infecciosas, em Fortaleza, Ceará, Brasil.

Método: Trata-se de um estudo de relato de caso realizado através da revisão de prontuário.

Resultados: Paciente do sexo masculino, 31 anos, sem comorbidades, deu entrada na emergência em janeiro/22, com história prévia de cinco dias de coriza, febre e tosse. Dois dias após a resolução dos sintomas gripais, o paciente iniciou quadro de cefaleia, rigidez de nuca, alterações de comportamento e agressividade. Apresentava imunização para covid-19 com duas doses de vacina inativada para SARS-CoV-2. Ao exame físico, o paciente apresentava-se desorientado, e com episódio de convulsão tônico-clônica generalizada, sendo revertida com anticonvulsivantes. Foi encaminhado à Unidade de Terapia Intensiva (UTI) por déficit sensorial e sonolência. Realizou tomografia computadorizada de crânio e radiografia de tórax que não apresentaram alterações. A análise do líquido cefalorraquidiano (LCR) revelou contagem de células de 553 células/mm³ (91% de linfócitos e 8% de monócitos), glicose 60 mg/dL, proteína 61,6 mg/dL, lactato de 32 mg/dL, e bacterisocopia negativa. SARS-CoV-2 foi identificado no LCR por meio de reação em cadeia da polimerase em tempo real (qPCR), utilizando o kit Allplex™ SARS-CoV-2/FluA/FluB/RSV. Influenza A foi detectado no swab nasofaríngeo utilizando o mesmo teste do LCR. Entretanto, SARS-CoV-2 não foi detectado na amostra de swab nasofaríngeo. No 3º dia de UTI, o paciente apresentou estado de mal epilético e necessidade intubação orotraqueal, evoluindo com parada cardiorrespiratória súbita e óbito.

Conclusão: A circulação de vírus respiratórios simultaneamente, durante a pandemia de covid-19, propiciou uma maior possibilidade de coinfeções virais. Aqui descrevemos um caso de meningoencefalite relacionada ao SARS-CoV-2 em um paciente também infectado por Influenza A com evolução fatal. Entretanto, o impacto destas coinfeções na patogenia e evolução clínica ainda é desconhecido. Mais estudos são necessários para entender o papel das coinfeções virais na gravidade destes pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102494>

EP-059

DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO DE CAPA (COVID-19 ASSOCIATED PULMONARY ASPERGILLOSIS) EM UM HOSPITAL QUATERNÁRIO DO BRASIL

Isabela C.L.V. Cruz, Marcello Mihailenko Magri

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina,
Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo,
SP, Brasil

Introdução: A aspergilose pulmonar invasiva (API) é a manifestação clínica mais grave das causada pelo *Aspergillus*